



www.observatoriodacritica.com.br

Resenha sobre livro de José Miguel Wisnik

Site Divirta-se, 11 de agosto de 2008

Disponível em: http://www.new.divirta-se.uai.com.br/html/sessao_7/2008/08/11/ficha_agitos/id_sessao=?&id_noticia=1757/ficha_agitos.shtml.

Acesso em; 4 de março de 2010.

Wisnik lança livro nesta terça em BH

Amante do esporte, o músico e ensaísta lança terça-feira (12/08), no projeto Sempre um papo, o livro *Veneno remédio - O futebol e o Brasil* e participa de conversa com o público

Janaina Cunha Melo - EM Cultura

"O futebol me formou. Escrever sobre ele foi como perseguir essa experiência profunda, antiga, que é minha e também do país"

José Miguel Wisnik, pesquisador e músico

O músico e ensaísta José Miguel Winisk joga futebol desde os primeiros passos, na infância, e se diz despreparado para "pendurar as chuteiras", mesmo nos momentos em que o corpo pede descanso. Com essa referência clássica de brasileiro, amante do esporte que traduz a nação na sua complexidade sociológica, política e poética, ele lança o livro *Veneno remédio - O futebol e o Brasil*, pela Editora Companhia das Letras. Terça, participa do projeto Sempre um papo, e conversa com os leitores sobre um dos fenômenos que mais traduzem o país, suas ambigüidades e contradições.

Para Wisnik, pensar a sociedade de qualquer país a partir do futebol não é o mesmo como no Brasil. "É verdade que esse é um esporte mundial, acompanhado em todos os continentes, mas a centralidade que tem para os brasileiros é algo muito próprio deste país", afirma o pesquisador. Várias referências foram importantes para as reflexões apresentadas nas 446 páginas.

Além da própria vivência como santista, música, arte, literatura, sociologia, psicanálise e inúmeros outros campos do saber o ajudaram a estabelecer nexos entre o futebol e a realidade nacional. Ele lembra que sua primeira motivação para estruturar idéias a respeito do tema ocorreu em Belo Horizonte, depois de convite do poeta mineiro Ricardo Aleixo para participar do seminário O futebol e as outras artes: relação de parentesco, realizado em 1993.

“O futebol me formou. Escrever sobre ele foi como perseguir essa experiência profunda, antiga, que é minha e também do país, como uma tentativa de entender esse fenômeno. Por isso, as referências pessoais contribuíram. Com o convite para o seminário, comecei a dar forma a essa reflexão”, comenta. Winisk explica que são muitos os aspectos envolvidos no trabalho. Afirma que o futebol deu lugar à expressão, a um povo cuja história é escravista e mestiça. O esporte inglês chegou no Brasil no fim do século 19 e se desenvolveu em meio segregado e exclusivista, mas a sua profissionalização conseguiu reverter a situação, e revelou parte escondida e relegada da sociedade brasileira, composta por negros e mestiços. “O esporte branco e elitista, como um apartheid cultural, não pôde resistir à pressão da maneira como o futebol se embrenhou na vida popular brasileira”, afirma. Enquanto a elite lidava com o jogo como entretenimento, negros e mulatos o entenderam como campo de trabalho. “A profissionalização despertou interesse da população marginalizada e reverteu a relação de classe social”, diz.

Já o auto-reconhecimento do país com o futebol se deu na Copa de 1938, quando, pela primeira vez, a Seleção Brasileira teve atuação expressiva no mundial disputado na Itália. O time perdeu o campeonato para os anfitriões, em jogo controverso, mas provocou comoção, envolveu a torcida e consolidou a sensação de que aquele era, enfim, o esporte nacional. Gilberto Freire também deixou sua contribuição, ao afirmar que o futebol brasileiro era adoçado, curvilíneo e dançante - um contraponto ao inglês, apolíneo, linear e quadrado, segundo Winisk. Essas foram as circunstâncias que fizeram de Orlando Silva, o compositor, e Leônidas Silva, o jogador, heróis nacionais em país tardoeslavista, que tentava de todas as formas negar sua condição mestiça. “Essa figura do Brasil mulato recalçado se torna decantada”.

TUDO E NADA

A idéia central, que dá título ao trabalho, passa pela observação de Winisk da relação entre tudo e nada do modo como

os brasileiros se avaliam. “O Brasil se olha como remédio ou veneno, e isso se projeta na relação com a Seleção Brasileira, que precisa ser perfeita ou coisa nenhuma”. Ambivalência que tem muito a dizer de uma sociedade que oscila entre extremos. A formação ligada a ciências humanas do pesquisador, voltada para a crítica literária e estética, assume papel determinante nas suas análises. Texto de Pasolini foi para ele fonte de inspiração teórica e poética. Foi o ensaísta e poeta italiano quem apontou diferenciais no futebol brasileiro, e quem fez as primeiras indicações do modo como um jogo tem a linearidade da prosa e não-linearidade da poesia.

José Miguel Wisnik adianta que o livro é um estudo cultural, lida com a forma de expressão não-verbal que diz sem palavras, de modo portanto provisório, como a música. Por isso, não chega a conclusões, mas oferece conhecimento durante a “travessia” das muitas páginas, a partir de vários pontos de vista. “O desafio é falar sobre o futebol não a partir de seu entorno, como a sociologia das torcidas e o interesse que desperta. Meu enfoque está no que ocorre dentro de campo, no que mobiliza as pessoas de forma tão especial”.

RELAÇÕES POLÍTICAS

O livro também se debruça sobre as relações políticas do esporte e redime de qualquer culpa os militantes mais convictos que em 1970 foram vencidos pela euforia da Copa do Mundo. Mesmo quem decidiu, de forma racional e coerente, não torcer pela Seleção Brasileira em protesto contra a ditadura militar e a situação de extrema gravidade por que passava o país em anos de repressão, acabou se redimindo em algum momento do campeonato. “Eles não se tornaram alienados de um momento a outro, e é justamente essa a questão que se coloca. O futebol mobilizou aspectos e conteúdos que estão para além da ditadura, que passou, e ele não. Sem minimizar essa contradição terrível, é preciso dizer que a Seleção estava em campo representando o povo brasileiro, não o governo”, argumenta

Depois do lançamento em Belo Horizonte, o escritor visita outras capitais, para conversar com o público sobre as questões apontadas no Veneno remédio. O livro faz parte do projeto em que pretende continuar pesquisando sobre a ambivalência da representação no Brasil. Música e literatura são os próximos temas que pretende abordar na série. José Miguel Wisnik também espera se aposentar da docência ano que vem e prepara novo disco de canções.

